

Sob risco de morte

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Edilson Rodrigues/CB

Para os doentes renais, algumas horas podem significar a diferença entre a vida e a morte. Cerca de dez pacientes com falência nos órgãos morrem todos os meses à espera de um transplante. Eles têm pressa para receber um novo órgão e abandonar as sessões de hemodiálise. No dia 6 de abril do ano passado, o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, anunciou que o Hospital Regional da Asa Norte começaria a realizar transplantes de rins. Exatos 333 dias após o anúncio, ou 7.992 horas depois da notícia que animou os pacientes, nenhuma cirurgia foi realizada no Hran.

Nesse período, a fila de espera por um órgão cresceu 20%. Hoje, os cerca de mil pacientes que aguardam pelo procedimento só podem recorrer ao Hospital de Base, que não tem capacidade para atender a enorme demanda. Para pressionar o governo e tentar apressar a liberação do Hran para a realização de transplantes, os doentes renais do Distrito Federal, com apoio do Rotary Clube, fazem uma manifestação amanhã à tarde em frente ao hospital. Com faixas de protesto e apitos, os pacientes vão mostrar o drama de quem precisa de tratamentos de hemodiálise para sobreviver. O governo garante que o Hran está pronto para realizar transplantes e que o pedido de credenciamento será entregue ao Ministério da Saúde ainda hoje pelo secretário José Geraldo Maciel.

Em abril do ano passado, a Secretaria de Saúde começou a fazer modificações na estrutura do Hran, para adequá-lo às exigências do Sistema Nacional de Transplantes. Além disso, instalou pontos de água filtrada e máquinas de hemodiálise para os pacientes renais, pré-requisito para o início dos transplantes. A pedido da Vigilância Sanitária, foram realizadas mudanças no centro cirúrgico, na lavanderia e no centro de material esterilizado. Mas a movimentação parou por aí. Mesmo com uma equipe de especialistas, o hospital ainda não fez cirurgias de transplante.

Os pacientes reclamam da lentidão e exigem mais rapidez na liberação do Hran. "Mais de dez pacientes morrem todos os meses em hemodiálise e, no ano passado, a média de transplantes por mês foi inferior a quatro cirurgias. É preciso fazer 12 cirurgias por mês para pelo menos equilibrar o número de novos pacientes que entram no sistema de hemodiálise. Todos os anos, 230 novos doentes renais ficam dependentes do tratamento", explica Marinho Valente, da Associação dos Renais de Brasília.

A hemodiálise é um tratamento que filtra, em uma máquina, o sangue dos pacientes com falência renal. O procedimento é extremamente desgastante para os doentes, que precisam ficar ligados ao aparelho quatro horas por dia, três vezes por semana. Só o transplante renal pode livrar os doentes do tratamento nas máquinas de diálise. A demora para substituir o órgão causa problemas de saúde, como deformações ósseas.

Para quem precisa da cirurgia, a espera por melhorias no sistema de saúde é angustiante. Luiz Carlos Ferreira da Silva, de 36 anos,



PACIENTES PORTADORES DE DOENÇA RENAL ORGANIZAM UMA MANIFESTAÇÃO AMANHÃ, COM O APOIO DO ROTARY CLUBE, PARA COBRAR A REALIZAÇÃO DE CIRURGIAS EM OUTROS HOSPITAIS NO DF



O MARANHENSE LUIZ CARLOS FAZ HEMODIÁLISE E PRECISA DE UM TRANSPLANTE

faz hemodiálise há 13 anos e torce para que o Hran comece a fazer transplantes em breve. "Tenho esperanças de que a fila vai andar bem mais rápido quando outros hospitais começarem a transplantar pacientes. Não suporto mais a espera por um novo rim, me sinto fraco e sem forças para trabalhar", reclama Luiz. Ele mora na Casa do Renal, uma entidade filantrópica em Ceilândia que abriga pacientes carentes em tratamento no Distrito Federal. Luiz veio do Maranhão para se tratar na cidade, mas há mais de uma década espera por uma cirurgia.

O Correio denunciou no ano passado o descaso com o programa de transplantes da rede pública, que já foi referência nacional. Em seis anos, o número de cirurgias despencou 60%. A partir de 2005 começou a haver uma re-

cuperação, quando 29 cirurgias foram realizadas contra 19 no ano anterior. No ano passado, o Hospital de Base fez 43 transplantes, número 32% superior à marca registrada em 2005. Mas ainda é pouco. Uma auditoria do Departamento Nacional de Auditoria do Sistema Único de Saúde (Denasus) mostrou que caso o ritmo lento de realização dos transplantes seja mantido, seriam necessários 31 anos para zerar a lista de espera.

Credenciamento

De acordo com a Secretaria de Saúde, o Hran já está pronto para transplantar os pacientes e o pedido de credenciamento será entregue ainda hoje nas mãos do ministro da Saúde, Agenor Álvares. A demora só teria acontecido porque os técnicos aguardavam a li-

Falta de doador agrava problema

O programa de transplantes renais da rede pública de Brasília já foi referência no Brasil. Em 2000, foram realizadas 85 cirurgias na cidade. Mas nos anos seguintes, o número despencou. Em 2004, nenhum transplante foi feito até setembro, quando o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, assumiu a pasta e determinou a retomada do procedimento. Até dezembro, 19 pacientes receberam um novo rim em 2004. As causas do desmonte do programa de transplantes

ENTENDA O CASO

são variadas. O governo culpa a falta de doadores. De acordo com a Secretaria de Saúde, 70% das famílias abordadas se negam a autorizar a retirada de órgãos para doação. A falta de uma estrutura organizada para lidar com parentes de vítimas de morte cerebral também atrapalha. Por lei, o Hospital deveria ter uma Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos, mas a equipe especializada de médicos, psicólogos e assistentes sociais só foi organizada no ano passado. A falta de equipamentos para detectar a morte cerebral é outro problema que atrapalhou

o programa de transplantes. Para reduzir a fila de espera por cirurgias, é preciso também evitar que novas pessoas se tornem doentes renais. Doenças como hipertensão e diabetes são as principais causas da falência dos rins e sem um programa de prevenção e controle dessas doenças, o número de pacientes com insuficiência renal só tende a aumentar.

O Correio mostrou no ano passado que, com a falta de investimentos no programa de transplantes, as clínicas particulares de hemodiálise lucraram R\$ 11,9 milhões, recursos repassados pelo Ministério da Saúde.

TRISTE RETRATO

Evolução dos transplantes no Distrito Federal

Ano	Número de transplantes
1998	35
1999	43
2000	85
2001	66
2002	38
2003	36
2004	19
2005	29
2006	43

beração da Vigilância Sanitária para encaminhar a documentação ao governo federal. O subse-

cretário de Atenção à Saúde, Milton Menezes, explica que dois urologistas acabam de ser contratados para reforçar a equipe do Hran. "A liberação pode sair ainda esta semana. Vamos começar com a realização de transplantes intervivos. Para realizarmos cirurgias com doadores cadáveres, ainda serão necessárias algumas adequações na emergência do hospital", explica Milton Menezes.

O subsecretário de Atenção à Saúde acredita que a descentralização das cirurgias do Hospital de Base vai ajudar a melhorar as estatísticas. "A ideia é que não haja competição entre as unidades, mas sim apoio e troca de experiências, que possam ser úteis aos pacientes", explica Menezes. Ele garante que, além de investir para aumentar o número de transplantes anuais no Distrito Federal, a

Secretaria também vai aumentar o número de vagas na hemodiálise ainda esta semana.

Os doentes renais, que vêem os amigos próximos morrerem na hemodiálise todos os anos, têm medo de que os investimentos no sistema de transplantes demorem ainda mais. A dona-de-casa Valdetina Linhares de Souza, 46 anos, faz hemodiálise há exatos 14 anos. Ao longo dessa dolorosa espera por um novo rim, ela perdeu a audição do ouvido direito, sofreu um AVC e lutou contra uma infecção hospitalar durante seis meses. "Apesar da espera, ainda tenho esperança de fazer o transplante. Durante esse tempo, me chamaram uma única vez, mas eu não estava em boas condições de saúde e não pude receber o rim", lamenta Valdetina.